



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**Nome do Curso: ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA
Nível: PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU**

ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DAS RESPOSTAS

Prezado(a) candidato(a),

Para a realização desta prova, considere a crônica reproduzida abaixo. A consulta a materiais impressos e/ou digitais NÃO é permitida: as respostas devem ser AUTORAIS, a partir das SUAS reflexões a respeito das questões propostas. Desenvolva suas respostas de forma coesa e coerente, sem utilizar tópicos – construa períodos completos, organizados em parágrafos. Na folha de respostas, indique as questões conforme exemplo e siga a mesma ordem em que são apresentadas na prova: QUESTÃO 1 (1A e 1B) / QUESTÃO 2 / QUESTÃO 3 e QUESTÃO 4 (4A e 4B).

PROVA DE ACESSO – 2023/1

Língua por cima, língua por baixo

Adalberto dos Santos

Às vezes não dá para competir com as palavras; às vezes elas enganam, enganam mesmo. Quem inventou a linguagem deveria estar seguro de que as palavras dariam um enorme trabalho aos homens. Tem dias que não dá, a língua por cima, coitado de quem inventa. Fico vendo a primeira pessoa a falar, como ela deve ter ficado surpresa com a possibilidade de a gente, pela palavra, ser entendida. E imagino o que não sentiu a primeira para quem a palavra falhou na hora em que mais precisava. Mas é isso, faz parte do jogo, tem horas em que ninguém consegue dizer; coisas da língua, da linguagem. Momentos há em que ninguém compreende nada – nem quem fala nem quem ouve, nem quem escreve nem quem lê. De onde as pessoas tiram tanta coisa louca pra colocar naquilo que falam ou escrevem?

Estava lendo umas coisas aqui, e me veio um pensamento: esse negócio de as palavras enganarem as pessoas. [...] Parece até não ter jeito. [...] Também não sei a mágica, claro. Mas sei o rito pelo qual é possível se chegar a uma outra realidade.

Talvez curando a aberração de não ler, coisa comum entre a maioria de nossos estudantes. Ou de não saber ler, não entender bem aquilo que está lendo (o contrário é o que eu chamo de desler). Porque é chato não saber ler, principalmente pelo fato da

possibilidade de sermos, muitas vezes, enganados pela palavra. Olha só: ler e mostrar em seguida o caminho da leitura, criar um novo texto, (re)fazendo, deixando as marcas de uma individualidade – será difícil? Não é muito fácil, eu sei, mas aos poucos a gente consegue.

Quisera eu nunca ter de me ver, súbito idiota, na luta vã de querer dizer e não saber. Gosto de saber, de saber que sei e poder dizer quando quero. Língua por baixo. Mas o engano da palavra também existe, e é, para a maioria das pessoas, a coisa mais absurda e linda que se possa provar. Só é menos bonita do que as vezes em que, de um salto, a gente consegue o que pensou. É como o prazer da leitura. De repente não é nada, depois vira uma possessão; não há como se livrar dela. O sujeito possuído nem de longe percebe que está, mas adora. Não rapidamente, é devagar, assim como ir conhecendo o gosto de uma fruta, pra se ir gostando a cada mordida, tirando proveito.

[...] Do mesmo jeito quando comecei a escrever: mordendo a fruta da língua aos pedacinhos, e degustando. [...]

Não sei direito como me surgiu essa ideia de que ler e escrever é como estar possuído, não lembro, mas o leitor, e o escritor, têm essa mesma impressão. [...]

Mas eu penso que escrevendo a liberdade é maior. Pelo menos, a gente sente que está mandando mais, que manda numa espécie de outro que está cara a cara com você, ou seja, você mesmo. No livro, na leitura, o outro é um alguém que a gente não reconhece de imediato, e, muitas vezes, não se reconhece nele. Língua por cima.

A ideia sobre leitura e possessão, lembrei agora: li numa crônica do professor Rubem Alves. Aliás, acabei de revisita-la, e tirei isso de lá, uma citação de um conto do Graciliano Ramos, no livro *Infância*: “Ensinar-me um ditado na escola. ‘Fale pouco e bem e ter-te-ão por alguém’. Eu sempre repetia o ditado, mas ficava em dúvida: ‘Quem será esse tal de ‘Tertião?’”

Acho que falar pouco e bem é difícil. Tem a ver com a língua por baixo. Quem consegue aprendeu, sabe mandar. É como ler pouco e entender bem, uma arte. Embora tudo comece no ouvido, como já disse certa vez.

[...]

Novamente minha ideia se assemelha a do Rubem Alves. Eis um trecho da crônica dele pra você entender melhor; chama-se “O prazer da leitura”, uma reflexão que introduz muito bem a questão sobre o ler, que muita gente ainda não aprendeu, e que a escola não ensina direito:

Leitura é droga perigosa: vicia... Se os jovens não gostam de ler, a culpa não é deles. Foram forçados a aprender tantas coisas sobre os textos – gramática, usos da partícula “se”, dígrafos, encontros consonantais, análise sintática – que não houve tempo para serem iniciados na única coisa que importa: a beleza musical do texto literário: foi-lhes ensinada a anatomia morta do texto e não a sua erótica viva. Ler é fazer amor com as palavras. E essa transa literária se inicia antes que as crianças saibam os nomes das letras. Sem saber ler elas já são sensíveis à beleza. E a missão do professor? Mestre do kama-sutra da leitura...

Fico com essa alternativa para os professores. Resta pensar agora em como ensinar a escrever. Mas tem a pergunta: isso só se faz na escola? Acho que não. Talvez esse mesmo que inventou a linguagem não houvesse pensando na escola, embora soubesse que um dia teríamos que estar sempre – língua por cima, língua por baixo – loucos para

dizer alguma coisa. Mas, repito, faz parte do jogo. Quem imaginaria que um dia poderíamos chegar a tanto: ‘Fale pouco e bem e ter-te-ão por alguém’...

SANTOS, Adalberto dos. Língua por cima, língua por baixo. *Crônicas cariocas*, 28/01/2018. Disponível em: <<https://cronicascariocas.com/colunas/cronicas/lingua-por-cima-lingua-por-baixo/>> Acesso em jan. 2023.

Questão 1. Leia atentamente o trecho abaixo e depois faça o que se pede.

“Às vezes não dá para competir com as palavras; às vezes elas enganam, enganam mesmo. Quem inventou a linguagem deveria estar seguro de que as palavras dariam um enorme trabalho aos homens. Tem dias que não dá, a língua por cima, coitado de quem inventa. Fico vendo a primeira pessoa a falar, como ela deve ter ficado surpresa com a possibilidade de a gente, pela palavra, ser entendida. E imagino o que não sentiu a primeira para quem a palavra falhou na hora em que mais precisava. Mas é isso, faz parte do jogo, tem horas em que ninguém consegue dizer; coisas da língua, da linguagem. Momentos há em que ninguém compreende nada - nem quem fala nem quem ouve, nem quem escreve nem quem lê. De onde as pessoas tiram tanta coisa louca pra colocar naquilo que falam ou escrevem?”

a. A partir do excerto destacado, disserte sobre os conceitos de linguagem e língua. **(1,5 pontos) (máximo de 10 linhas)**

b. No trecho, o autor brinca com o fato de que as palavras ganham vida conforme a organização do discurso vai sendo construída. Para ele, as palavras enganam e isso é “coisa da língua, da linguagem”, pois “momentos há em que ninguém compreende nada - nem quem fala nem quem ouve, nem quem escreve nem quem lê.” No estudo dos sons da língua, lidamos com sucessivas relações de combinação que originam as palavras. Elas - as palavras -, lá nos estágios iniciais da construção do discurso, têm a capacidade de nos “enganar” em virtude, justamente, da organização dos seus fonemas - feixes de traços capazes de opor significado quando combinados. Pautem-se nas suas leituras sobre a Fonologia do português e disserte sobre como os grupos de palavras abaixo são exemplos de construções que podem nos “enganar” na escrita, mas jamais na oralidade. Em sua resposta, reflita sobre a diferença entre acento gráfico/convenção e acento linguístico/fonológico. **(1,5 pontos) (máximo de 10 linhas)**

Grupo 1	Grupo 2
Fabrica (verbo)	Fábrica (nome de um local)
Sabia (verbo)	Sabiá (nome de um pássaro)
coco (nome de uma fruta)	cocô (nome de um tipo de dejetos dos corpos)

Questão 2. Leia o trecho da crônica reproduzido a seguir e responda:

“A ideia sobre leitura e posse, lembrei agora: li numa crônica do professor Rubem Alves. Aliás, acabei de revisita-la, e tirei isso de lá, uma citação de um conto do Graciliano Ramos, no livro *Infância*: “Ensina-me um ditado na escola. ‘Fale pouco e bem e ter-te-ão por alguém’. Eu sempre repetia o ditado, mas ficava em dúvida: ‘Quem será esse tal de ‘Tertião?’”

Como explica Azeredo (2008), a colocação de pronomes oblíquos átonos subordina-se a fatores de natureza prosódica, sintática e sociocomunicativa. No trecho da crônica, vê-se uma ocorrência de colocação pronominal que causa estranhamento ao cronista. Descreva esse caso e comente por que esse emprego não é prontamente reconhecido pelo cronista. Em sua resposta, considere aspectos relativos à variação linguística associados ao português do Brasil **(2,0 pontos) (máximo de 10 linhas)**.

Questão 3. Releia o fragmento da crônica destacado a seguir:

“Talvez curando a aberração de não ler, coisa comum entre a maioria de nossos estudantes. Ou de não saber ler, não entender bem aquilo que está lendo (o contrário é o que eu chamo de desler). Porque é chato não saber ler, principalmente pelo fato da possibilidade de sermos, muitas vezes, enganados pela palavra. Olha só: ler e mostrar em seguida o caminho da leitura, criar um novo texto, (re)fazendo, deixando as marcas de uma individualidade – será difícil? Não é muito fácil, eu sei, mas aos poucos a gente consegue.”

Descreva o processo de formação da palavra **desler** e indique o sentido que assume no trecho. Em sua resposta, explique por que é possível compreender o que a palavra em destaque significa apesar de não ser um termo comumente utilizado na língua. **(2,0 pontos) (máximo de 10 linhas)**

Questão 4. Leia atentamente o trecho abaixo e depois responda às questões.

Na crônica “*Língua por cima, língua por baixo*”, Adalberto dos Santos cita um trecho da crônica “O prazer da leitura”, de Rubem Alves, que reproduzimos a seguir.

Leitura é droga perigosa: vicia... Se os jovens não gostam de ler, a culpa não é deles. Foram forçados a aprender tantas coisas sobre os textos – gramática, usos da partícula “se”, dígrafos, encontros consonantais, análise sintática – que não houve tempo para serem iniciados na única coisa que importa: a beleza musical do texto literário: foi-lhes ensinada a anatomia morta do texto e não a sua erótica viva. Ler é fazer amor com as palavras. E essa transa literária se inicia antes que as crianças saibam os nomes das letras. Sem saber ler elas já são sensíveis à beleza. E a missão do professor? Mestre do kama-sutra da leitura...

ALVES, Rubem. *O prazer da leitura.*

a. Que figura de linguagem se pode depreender de “Leitura é droga perigosa: vicia...”? Identifique e explique o recurso utilizado. **(1,5 pontos) (máximo de 10 linhas)**.

b. Segundo Rubem Alves, “se os jovens não gostam de ler, [...] foi-lhes ensinada a **anatomia morta do texto** e não a sua **erótica viva**. Ler é fazer amor com as palavras.” Que crítica faz Rubem Alves quanto ao ensino de leitura na escola? Além disso, esclareça o sentido que se pode inferir das expressões em destaque, levando em consideração toda a leitura do excerto. **(1,5 pontos) (máximo de 10 linhas)**.

BOA PROVA!